



DARCILIA SIMÕES
MADALENA TEIXEIRA
(ORGANIZADORAS)

PROPOSTAS DIDÁTICO- PEDAGÓGICAS PARA AS AULAS DE PORTUGUÊS

Tomo 2 - Portugal

DARCILIA SIMÕES
MADALENA TEIXEIRA
(ORGANIZADORAS)

PROPOSTAS
DIDÁTICO-
PEDAGÓGICAS
PARA AS AULAS
DE PORTUGUÊS
Tomo 2 - Portugal



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor

Ricardo Lodi Ribeiro

Vice-Reitora

Mario Sergio Alves Carneiro

DIALOGARTS

Coordenadores

Darcilia Simões

Flavio García

Conselho Editorial

Estudos de Língua

Darcilia Simões (UERJ, Brasil)

Kanavillil Rajagopalan (UNICAMP, Brasil)

Maria do Socorro Aragão (UFPB/UFCE, Brasil)

Estudos de Literatura

Flavio García (UERJ, Brasil)

Karin Volobuef (Unesp, Brasil)

Marisa Martins Gama-Khalil (UFU, Brasil)

Conselho Consultivo

Estudos de Língua

Alexandre do A. Ribeiro (UERJ, Brasil)

Claudio Artur O. Rei (UNESA, Brasil)

Lucia Santaella (PUC-SP, Brasil)

Luís Gonçalves (PU, Estados Unidos)

Maria João Marçalo (UÉvora, Portugal)

Maria Suzett B. Santade (FIMI/FMPFM, Brasil)

Massimo Leone (UNITO, Itália)

Paulo Osório (UBI, Portugal)

Roberval Teixeira e Silva (UMAC, China)

Sílvio Ribeiro da Silva (UFG, Brasil)

Tania Maria Nunes de Lima Câmara (UERJ, Brasil)

Tania Shepherd (UERJ, Brasil)

Estudos de Literatura

Ana Cristina dos Santos (UERJ, Brasil)

Ana Mafalda Leite (ULisboa, Portugal)

Dale Knickerbocker (ECU, Estados Unidos)

David Roas (UAB, Espanha)

Jane Fraga Tutikian (UFRGS, Brasil)

Júlio França (UERJ, Brasil)

Magali Moura (UERJ, Brasil)

Maria Cristina Batalha (UERJ, Brasil)

Maria João Simões (UC, Portugal)

Pampa Olga Arán (UNC, Argentina)

Rosalba Campra (Roma 1, Itália)

Susana Reisz (PUC, Peru)



DIALOGARTS

Rua São Francisco Xavier, 524, sala 11007 - Bloco D
Maracanã - Rio de Janeiro - CEP 20550-900

<http://www.dialogarts.uerj.br/>

Copyright© 2020 Darcilia Simões, Madalena Teixeira (Orgs.)

Coleção AILP - Volume 3 - Tomo 2

Edição

Darcilia Simões

Diagramação

Darcilia Simões

Capa

Raphael Ribeiro Fernandes

Imagem de Capa

Wheat Field with Cypresses - Vincent van Gogh

Produção

UDT LABSEM – Unidade de Desenvolvimento Tecnológico Laboratório Multidisciplinar de Semiótica



CATALOGAÇÃO NA FONTE

Propostas didático-pedagógicas para as aulas de Português.
Tomo II – Portugal.
S593 Organização: Darcilia Simões; Madalena Teixeira
T266 Edição: Darcilia Simões
Capa: Raphael Fernandes
Diagramação: Darcilia Simões

Rio de Janeiro: Dialogarts
2020, 1ª ed. (digital)

469 – Português

ISBN 978-65-5683-015-5

Português. Oralidade. Linguística. Literatura. Currículo.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
---------------------------	----------

ELEMENTOS DE INTEGRAÇÃO DIDÁTICA E ENSINO EXPLÍCITO DO VOCABULÁRIO	12
---	-----------

António Pereira Pais.....	12
---------------------------	----

DESCOBRIR O SIGNIFICADO DE PREFIXOS: UMA ESTRATÉGIA POTENCIADORA DA COMPREENSÃO LEITORA	38
--	-----------

Natália Albino Pires.....	38
---------------------------	----

A ORALIDADE NO 2º CICLO – COMO POTENCIAR O DESENVOLVIMENTO DA COMPREENSÃO E EXPRESSÃO ORAL?	62
--	-----------

Elisabete Crespo	62
------------------------	----

Madalena Teixeira	62
-------------------------	----

Cristina Novo	62
---------------------	----

O ENSINO DE “OS ARTIGOS” NO CONTEXTO CHINÊS.....	110
---	------------

Jing Zhang.....	110
-----------------	-----

PARA UMA ABORDAGEM À ORTOGRAFIA: DA CONSISTÊNCIA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO À ADOÇÃO DE ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS	128
--	------------

Maria João Macário.....	128
-------------------------	-----

Cristina Manuela Sá.....	128
--------------------------	-----

OS RELATOS DE NAUFRÁGIOS D'A <i>HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA</i>: ALGUMAS PISTAS DIDÁTICAS PARA UM REGRESSO À AULA DE PORTUGUÊS.....	153
--	------------

Pedro Balaus Custódio	153
-----------------------------	-----

A POESIA DO REI D. DINIS: UMA PROPOSTA DIDÁTICA EM <i>ELEARNING</i>	185
Isabel Barros Dias	185
Patrícia Rodrigues,.....	206
Manuela Sofia Silva	206
EFEITO RETROATIVO DA CERTIFICAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO SUPERIOR – UM ESTUDO DE CASO..	228
Catarina Gaspar.....	228
Margarita Correia.....	228
A LEITURA INFERENCIAL NOS PRIMEIROS ANOS DE ESCOLARIDADE	243
Teresa Gonçalves	243
BIODATA DOS AUTORES.....	288
ÍNDICE REMISSIVO	294

OS RELATOS DE NAUFRÁGIOS D'A *HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA*: ALGUMAS PISTAS DIDÁTICAS PARA UM REGRESSO À AULA DE PORTUGUÊS

Pedro Balaus Custódio
balaus@esec.pt

“as ondas eram muito grandes, e vinham de longe encapelando e quebrando a muita distância da terra (...) Parecia neste trabalho que não havia mais que fazer, que cruzarem os braços e entregarem-se de todo à morte.”
(Nau Santiago)

“vendo o estado em que estavam, fêz a todos os da nau uma breve fala, nascida de ânimo (...) dizendo-lhes: 'Senhores fidalgos e cavaleiros, amigos e companheiros, não deveis de vos entristecer e melancolizar com irmos demandar a terra onde levamos posta a proa, porque pode ser que nos leve Deus a terra onde possamos conquistar outro novo mundo, e descobrir outra India maior que a que está descoberta.’
(Nau Águia)

1. Os relatos de naufrágios no programa de Português do Ensino Básico

Como tivemos oportunidade de vincar num breve estudo sobre esta matéria e que aguarda publicação, em que esboçamos um sucinto friso cronológico das últimas décadas da nossa recente história curricular de Português, pudemos observar que os relatos de naufrágios foram incluídos como textos de leitura nos documentos programáticos na década de 50, aquando das alterações curriculares ao programa que vigorava desde 1948.

Os autores do referido documento realçam o “interesse histórico”, mas também o valor artístico da compilação, o que nos faz adivinhar que a inserção dos relatos ultrapassa a mera contextualização histórica e cultural própria do período em causa, uma vez que é intenção fazer ressaltar a qualidade estilística e literária destes textos.

Nesses documentos, a *História Trágico-Marítima* figurava através de excertos considerados mais significativos e exemplares. Foram diversas as remodelações curriculares, de entre as quais se destacaram as realizadas em 1905, 1919, 1926, 1931, 1936, 1948 ou 1954. Depois de 1974 também assistimos a diversas alterações, nomeadamente a legislada pelo Despacho N.º 124/ME/91 de 31 de Julho, publicado no DR, IIª Série, n.º 188, de 17/8/1991.

Assim, os relatos de naufrágios estiveram presentes ao longo de vários anos de ensino, tendo desaparecido dos documentos curriculares portugueses nas reformas pós-revolução de abril. Como referimos a este propósito (Custódio, 2004, p.205), “No dealbar dos anos 80, a disciplina de *Português*, apresentava um programa conjunto que incluía o *Curso Geral* e o *Curso Complementar*, terminologia que só viria a ser abandonada com a chegada da *reforma educativa*. ”

Após um breve desaparecimento dos textos curriculares na reformulação de 1976, eis que em 2009, com a edição do novo *Programa de Português para o Ensino Básico*, (2009, p. 159) ressurge a menção a estes textos. Assim, na lista de trechos e autores anteriores ao século XX, encontramos os relatos da *História Trágico-Marítima*, na adaptação de António Sérgio. Posteriormente, os programas de Português para o ensino secundário (anos letivos 10º, 11º e 12º) conhecem uma nova reformulação em 2014; é o conhecido *Programa de Português e Metas Curriculares – Ensino Secundário*. Neste documento, podemos encontrar explicitamente nos conteúdos para o 10º ano (Ministério da Educação, 2014, p. 14), imediatamente após o estudo de *Os Lusíadas*, um item (nº6) consagrado à “*História Trágico-Marítima*, Capítulo V, “As terríveis aventuras de Jorge de Albuquerque Coelho (1565)”.

Atualmente, e como notamos no breve estudo que se encontra no prelo, “os relatos de naufrágios

“estão presentes nos documentos curriculares do nosso sistema de ensino secundário, tendo sobrevivido à dura prova do tempo e às sucessivas vicissitudes de recontextualizações curriculares. De uma forma ou de outra, em formato adaptado ou no seu original (opções que são posteriormente tomadas pelos manuais escolares), acabaram por sobrevir a copiosas reformas educativas, tendo hoje um lugar cativo na sala de aula e, sobretudo, na formação prescrita no domínio da educação literária para estes jovens leitores.”

Certo é que, ao longo destas últimas décadas, a *História Trágico-Marítima* constituiu um lugar textual pouco frequentado. Uma vez cumpriu a função de leitura supletiva, coadjuvando o texto da epopeia lusíada; em outras ocasiões, emoldurou o contexto histórico e cultural do texto camoniano. Independentemente das razões pelas quais estes relatos foram lidos e/ou estudados, conseguiram resistir às andanças sucessivas

das reformulações programáticas que nortearam o programa de Português para o Ensino Básico.

Nestas sucintas observações de carácter didático, usaremos a compilação de Bernardo Gomes de Brito, publicada por Damião Peres. Em várias bibliotecas nacionais e estrangeiras, bem como em algumas coleções privadas, podemos encontrar diferentes exemplares de relatos de naufrágios, impressos ou manuscritos, redigidos entre a segunda metade do século XVI e os finais do século XVII. São estes relatos que, compilados em dois volumes, já quase em meados do século XVIII por Bernardo Gomes de Brito, são dados à estampa em Lisboa, com o título *História Tragico-Marítima. Em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiverão as Naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegação da India*. Com sucessivas reedições, nomeadamente em 1904-1909, em doze volumes, em conjunto com outras notícias de naufrágios; em 1942 adaptados por António Sérgio, até à edição em dois volumes em 1971-72, passando pela publicação, em seis volumes, sob a direção de Damião Peres, estas relações de naufrágios têm cativado a atenção de alguns estudiosos e de muitos leitores apaixonados pelas façanhas lusíadas de além-mar.

Nestes relatos da *História Trágico-Marítima*, podemos observar a fisionomia lusitana lacerada pelo sofrimento e pelas agonias e flagelos de uma vida no mar. Aqui são visíveis as rugas da alma portuguesa, acusando o envelhecimento e o cansaço, juntamente com o esgotamento que marca este período histórico, onde confluem já muitos anos de navegações e tão grandes perigos e enganos. Os narradores destes relatos de naufrágios, em lugar de exaltarem falsamente um heroísmo que (já) não existe, enveredam pela verdade, descrevendo os espaços da tragédia e da excruciante realidade das suas experiências de vida. De facto, são esses

lugares de perdição do reino, "tão conformes nos desejos de nossa destruição, e passando por tantas brigas, por tantas fomes, calmas, frios e sêdes, nas serras, vales e barrancos, (...) onde tantos homens, mancebos, rijos e robustos, acabaram seus dias, deixando os ossos insepultos pelos campos (...)." (Nau S. Bento). Estes retratos de homens e de lugares de descoberta desmistificam a tradicional imagem gloriosa e temerária dos marinheiros que, nestas narrativas, fazem da desgraça a sua bandeira, e da miséria o seu destino. Deles sai reforçada a imagem de um homem português, *mártir da vida*.

Podem estes textos constituir, ainda hoje, propostas didáticas de interesse e de relevo para os alunos do ensino básico? De que modo? Essas são as duas primordiais questões sobre as quais importaria debruçarmos, com o objetivo de compreender em que medida podem estes relatos constituir aliciantes sugestões didáticas de leitura para os alunos do Ensino Básico.

Somos de opinião que esta coletânea de relatos de naufrágios, ocorridos nos séculos XVI e XVII na carreira da Índia ou nas travessias atlânticas, e coligida por Bernardo Gomes de Brito, entre 1735 e 1736, durante o reinado de D. João V, têm um triplo interesse didático.

Por um lado, são um testemunho histórico-literário de extraordinária qualidade e saliência, não apenas pelo cariz testemunhal, mas também pelo fresco vivo e colorido do outro lado das descobertas portuguesas. Os alunos que leem estes textos compreendem, de forma mais inteligível, as causas de muitos dos naufrágios, uma vez que elas são mencionadas nos relatos. Aí se aponta o dedo à incúria: a largada fora de época, o desrespeito por normas de navegação, as excessivas dimensões e má construção de algumas embarcações, a perigosíssima distribuição das cargas pelas naus, os carregamentos excessivos, ou os equipamentos

deficientes, como eram os casos das bombas de água ou das velas. Mas o leitor atento pode observar, ainda, a chocante inexperiência dos pilotos, a falta de cooperação entre as embarcações, para além dos habituais ataques de corsários e piratas.

Assim, e sob vários pontos de vista, o leitor pode observar um retábulo que expõe a decadência do império português, o lado negro e dorido da expansão, feito de tragédias, ganâncias e infortúnios, coexistindo com outros tantos atos de bravura, de amor à pátria e de inabalável fé.

Por outro lado, na ótica da qualidade do texto literário, a vivacidade dos diálogos, o realismo visual das descrições dos naufrágios e dos padecimentos das gentes do mar, ou o dramatismo das narrações são de uma invulgar expressividade e despertam sempre o interesse e a motivação dos alunos.

Por último, a leitura destas páginas permite um diálogo muito estreito com as questões relacionadas com a reflexão sobre a fragilidade e efemeridade da vida, a religiosidade da época e o perfil do homem português deste quartel.

Neste âmbito, é possível explorar a leitura como fonte de informação histórica e cultural, salientando as características humanas que afloram da leitura dos relatos, e de onde ressaltam a condição psicológica dos tripulantes e dos passageiros, a desorientação e o desespero nos momentos de naufrágio ou de agonia, ou a reação à tragédia iminente. Mas podemos também observar as respostas de cupidez, de irracionalidade primária em momentos de crise, ou a falta de solidariedade e o oportunismo ganancioso dos homens do mar, numa demonstração da paleta completa dos valores do marinheiro quando posto em situação de perigo. São também muito visíveis as manifestações de fé, os apelos a Deus

nos momentos-limite e as atitudes de entrega ou de luta perante o implacável destino.

Na verdade, os textos permitem um interessante e útil cruzamento entre as diferentes categorias da narrativa, num jogo muito orquestrado entre ação, personagens, tempo, espaço e as intromissões do narrador heterodiegético, onisciente (mas claramente subjetivo), ora pungentes ora condenatórias, contudo sempre vívidas na linguagem e expressivas no estilo. E, neste capítulo em específico, são por demais visíveis as marcas de oralidade, as interjeições eloquentes, o cuidado do narrador em reportar as tragédias com assinalável precisão técnica e conhecimento das coisas do mar.

Infelizmente, no caso da *História Trágico-Marítima*, não existem muitos materiais didáticos destinados a alunos e/ou a professores, apesar de os textos serem uma inesgotável fonte de informação que nos chega pelas vozes tantas vezes anónimas dos homens que descreveram os mil infortúnios das aventuras além-mar.

Do ponto de vista didático, a leitura destes relatos ajuda a dar corpo à imagem do marinheiro português, um homem exausto por anos de navegações, ataques e procelas violentíssimas. Desmaiando de fadiga e tormentos, este marinheiro do século XVI revela-se em toda a sua grandeza e insignificância. Este aspeto justificaria, só por si, a leitura escolar dos relatos, pois a figura do herói é uma constante nos textos literários, e ainda em outras narrativas que o aluno conhece e aprecia. São as *perigosas / Cousas do mar, que os homens não entendem, / Súbitas trovoadas temerosas / (...) Negros chuviros, noites tenebrosas* (*Os Lusíadas*, Canto V, 16-25). Apesar da valentia destes *rudos marinheiros*, todos tremem perante a gravidade das forças da natureza, na tromba marítima,

na hediondez de uma *roxa sanguessuga* que, varrendo as naus, a todos impregna de terror.

Ora, a figura de herói que o aluno conhece é, normalmente, o *herói lusíada*: homem de notável invulnerabilidade, uma vez que chega incólume ao seu destino, apesar dos perigos por que passa.

2. Algumas linhas didáticas para a aula de Português

É muito complexo definir com exatidão quais as melhores vias de trabalho didático com os textos dos naufrágios, uma vez que sabemos que cada um dos relatos traduz um episódio singular e onde se podem observar características únicas e diferenciadoras. Por outro lado, temos noção de que, no ensino básico e secundário, os textos que podemos sugerir para leitura não devem ser quantiosos, sob pena de ofuscar o principal objetivo da tarefa.

Ainda assim, poderíamos enunciar com brevidade, sete pistas didáticas capazes de estruturar o trabalho do professor neste âmbito particular. São eles:

- a) Exploração da habilidade seminal destes textos, uma vez que são capazes de reproduzir uma realidade histórica do Portugal das Descobertas e do reverso da medalha gloriosa das aventuras ultramarinas. São tantos os exemplos que os relatos encerram, que não se torna difícil escolher excertos que o comprovem. Vejam-se alguns excertos que podem servir para transmitir aos alunos os inúmeros perigos do mar, a violentíssima fúria das ondas a que os portugueses soçobram, a identidade e o rosto real das vítimas:

Excerto 1: Caminhando pelo convés, observa “o mar muito grosso (...) e o vento e o mar eram tamanhos que lhes não consentiam fazer obra nenhuma, nem havia homem que se pudesse ter em pé.” (Nau S.Paulo)

Excerto 2: São o vento e o mar aqueles que primeiro atormentam o homem na sua viagem, vergando-o pela força e “levando-o pelos ares, desfazendo-lhe a cabeça em pedaços (...) nas vêrgas, que tôdas ficaram tintas do seu sangue.” (Nau S.Paulo)

Excerto 3: “a nau deu três pancadas, uma após outra, grandíssimas e de muito temor e espanto, sem fazer nada, nem abrir (...) E assim caíu e se encostou, e ficou sentada no fundo para a banda de estibordo (...) e logo se encheu tôda de água, ficando tôda a proa debaixo dela.” (Nau S.Paulo)

Excerto 4: “Por esta parte, em baixamar, se podia passar a outra terra com água pelos peitos (...) que era cousa mui perigosa e de muito risco da vida (...) pela braveza e fúria com que quebravam e davam nelas as doudas e inquietas ondas (...) aonde não aproveitava o saber nadar, pelo grande penedio e pedregulho onde se encapelavam e faziam em migalhas. (...) morreram logo dos primeiros, afogados e feitos nos rochedos em pedaços, doze ou treze, e outros encapelados do mar, com que iam dar por êsses recifes feridos e inchados, e muito mal tratados, do que depois morreram alguns (...).” (Nau S.Paulo)

Excerto 5: “Neste comenos se levantou um mar muito mais alto que o outro primeiro, e se veio direito à nau, tão negro e escuro por baixo e tão alvo por cima, que muito bem entenderam os que o viram que seria causa de em muito breve espaço vermos todos o fim de nossas vidas, o qual, dando pela proa com um borbotão de vento, caíu sobre a nau de maneira, que levou consigo o mastro do traquete com a vela e verga (...) e os castelos de proa

(...) e cinco homens que estavam dentro deles (...) O mar e o vento faziam tamanho estrondo que quási nos não ouvíamos nem entendíamos uns aos outros.” (Nau S.António)

Excerto 6: *“Desenganados os nossos, que ardia a nau, absoluta e irremissivelmente, começaram muitos de se lançar ao mar em jangadas e paus, e os que não sabiam nadar a entrar em desespero e temor da morte; outros (...) abraçando o lugar em que estavam com suspiros e gemidos arrancados da alma, perguntando uns aos outros por remédio, clamavam ao céu por misericórdia (...) não sabiam se se lançassem ao mar ou se se deixassem abrasar do fogo.” (Nau Chagas)*

Excerto 7: *“...assim por algumas culpas ocultas poderia ter lançado outra maldição a esta nau, tão derrotada e tão acossada de todos os elementos - Terra, Mar, Ar e Fogo - para que não servisse nem aproveitasse mais a ninguém, nem se colhesse outro fruto dela mais que perda de todos os que nela o buscassem (...).” (Nau S.Francisco)*

Excerto 8: *“Também se diz que o capitão vinha naquele tempo maltratado do miolo, da muita vigia e muito trabalho, que carregou sempre nêle mais que todos os outros.E por vir já desta maneira, e cuidar que lhe queriam os negros fazer alguma traição, lançou mão à espada, e arrancou dela para os negros que iam remando, dizendo: «Perros, aonde me levais?» (...) Em verdade, quem conhecera Manoel de Sousa (...) bem poderia dizer que já não ia em seu perfeito juízo (...) dali por diante ficou de maneira, que nunca mais governou a sua gente (...) e se queixou muito da cabeça, e nela lhe ataram toalhas (...).” (Nau S.João)*

Excerto 9: *“E, entre tantas pessoas que nestas naus viajavam, não ficaram senão só quinze imunes a todas estas enfermidades. Como afirma o autor, houve muitos dias juntos trezentos e cincoenta doentes, fazendo-se, ao longo de toda a viagem, mil cento e trinta e tantas sangrias.”* (Nau S.João)

Excerto 10: *“desempenhou durante a viagem as funções de médico, sem nesta ciência ter profissão nenhuma, pois era boticário. E é assim que prepara remédios, sangrias, linimentos e esfregações, gargarejos e pitiniar”, “Cedo (...) se esgotam estas mezinhas, porque as boticas que os do almazém em Lisboa dão a estas naus são quatro unguentos, e êsses muito pouco necessários.”* (Nau S. Paulo)

Assim se vê quão desapetrechadas partiam estas naus da *ocidental praia lusitana*, carecentes dos remédios imprescindíveis ao eficaz tratamento dos males dos navegantes.

Excerto 11: *“Partimos de Belém a vinte de Abril de 1560, um sábado pela manhã (...) Era esta nossa nau feita na Índia, rija, e muito forte, que a todo o vento do mundo era uma firme rocha, singular em pôpa, e fugia ao mar; mas por ser pesada, algum tanto má de bolina, e de duro e áspero governo. Partimos tão tarde (...) que foi em parte a principal causa da nossa ruim viagem e nossa perdição.”* (Nau S.Paulo)

Excerto 12: *“Tal foi a perdição desta nau Santo Alberto (...) causado não das tormentas do Cabo de Boa Esperança (...) mas da querena e sobrecarga, que como a esta nau, assim a outras muitas no fundo do mar hão sepultado.*

Ambas pôs em prática a cobiça dos contratadores e navegantes.” (Nau S. Alberto)

Excerto 14: *“Acrecentam a êste dano os oficiais que as fazem ou consertam de empreitada, (...) os quais por apouparem o tempo, já que não podem as matérias, não acabam cousa alguma como convém. Por isso se tornam tão visíveis, quanto fatais, as imperfeições da sua construção. Mesmo quando “descobrimo na nau vélha eivas e faltas que se não remendaram bem (...) dissimulam com elas e enfeitam o dano de maneira que pareça bem consertado, e debaixo dele fica a perdição escondida e certa.” (Nau S. Alberto)*

Excerto 15: *“se aquela noite que o marinheiro disse que vira terra (...) o piloto não se desviara de noite dela, em nenhuma forma pudera perecer aquela gente” (...) porque têm [os marinheiros] conta consigo e com o que sabem, sem lançar pé além da mão, passando muito do tempo em contemplação dos movimentos dos céus e cursos dos Planetas, tudo filosofia mera (...) até que veio dar connosco à costa, causa de tantos infortúnios, males e mortes.” (Nau S. Alberto)*

Excerto 16: *“Aos vinte e sete de Agosto, uma manhã, havendo vinte dias que dobrámos a Linha, vimos a terra do Brasil (...) e o prazer foi em todos tão geral, como se aqui fôsse o fim de sua viagem e repouso dos seus trabalhos (...).” (Nau S. Paulo)*

Excerto 17: *“Aos dezassete de Julho (...) vimos uma vela redonda (...) e se chegaram tanto para nós (...) e os conhecemos serem portugueses e irem*

para o Brasil, para S.Vicente (...) e deram-nos novas em como havia dois meses que andavam no mesmo trabalho que nós, sem poderem dobrar a Linha, (...) do que todos ficámos muito contentes, por nos parecer não éramos nós sós os mal navegados, nem mal afortunados, porque assaz de consolação é aos míseros e desaventurados, (...) ter companheiros em suas dores e penas (...).” (Nau S.Paulo)

- b) Muitos destes relatos não descrevem as dores anónimas do navegante português. As tragédias têm um rosto, uma filiação; atingem pessoas, famílias inteiras, e esses dramas estão narrados com particular acuidade e rigor, constituindo insuspeitos testemunhos desta tragédia que ultrapassa as barreiras imprecisas do anonimato e toca mais profundamente os dramas humanos, com um *rosto* e um *nome*, como partes de um grande tecido humano nacional. As verdades recontadas pelos narradores funcionam como um extenso relicário das memórias de todos aqueles que pagaram o sonho com a própria vida, e para quem aquelas linhas serão um merecido epitáfio. Emergem, pois, semblantes e genealogias, identidades reais que reforçam a materialidade de tantos infortúnios. Esta preocupação com a verosimilhança indicia uma forte tendência de representação da realidade, contribuindo para perspetivar esta tragédia em toda a sua dimensão nacional, mas também pessoal. São famílias perecendo conjuntamente, ou invocando os entes queridos que deixaram em Portugal. São os lamentos que ganham individualidade própria, constituindo os mais sentidos frémitos que trespassam as narrativas de naufrágios.

Aqui, ganham relevo as tragédias privadas de cada um, assumindo o seu próprio rosto de desgraças. E não é só o episódio do naufrágio do

Galeão Grande de S. João, e as desventuras de *Manoel de Sousa Sepúlveda* que merecem a atenção e a compaixão do autor e do leitor. Os relatos estão semeados de pequenos episódios que comprovam o interesse do narrador em focar, exclusivamente, determinados episódios dramáticos.

Atente-se, por exemplo, no caso passado com a *menina de D. Joana de Mendonça* que, após ter caído ao mar, consegue sobreviver durante mais de uma hora, agitando as mãozinhas sobre as ondas, enquanto os marinheiros se recusam a voltar para trás, para a salvar; o que farão depois, irremediavelmente tarde. Vejam-se esses exemplos em que os rostos da tragédia expressam toda a paleta de infortúnios:

Excerto 18: *“Os marinheiros se recolheram sem trazerem a menina de D.Joana (...) E pôsto que este espectáculo foi mui temeroso a todos, à desconsolada de D.Joana de Mendonça foi de maior dor e paixão, porque via sua filha, tão tenra e mimosa sua, manjar de algum monstro do mar, que pôde ser que ainda bracejando a tragasse (...).”* (Nau S.Tomé)

Excerto 19: *“...e, se prouvesse a Nosso Senhor lembrar-se deles e levá-los a terra de cristãos, esta só cousa lhes pedia: que não dissessem como acabáramos, mas que nos afogáramos ao desembarcar da nau, por não lastimar mais a uma triste e desconsolada mãe, que, trespassada com tais mortes de marido e filhos, nos neste reino ficava.”* (Nau S.Bento)

Excerto 20: *“E vendo Manoel de Sousa como o galeão se lhe ia ao fundo sem nenhum remédio, chamou o mestre e pilôto (...) E por se desfazer*

a nau em tantas migalhas, não pôde o capitão Manoel de Sousa fazer a embarcação que tinha determinado, que não ficou batel nem cousa sôbre que se pudesse armar o caravelão, nem de que o fazer, por onde lhe foi necessário tomar outro conselho.” (Galeão Grande S.João)

Excerto 21: *“...morreram cinco ou seis companheiros, da péssima água que acharam, (...) e entre estes foi também (...) Gaspar Gonçalves, que escapou da perdição da Nau Santiago nos Baixos da Judia para vir a morrer nestas partes com a maior desconsolação que se podia imaginar.”* (Nau S.Tomé)

Excerto 22: *“Começou D.Luísa de Melo (...) dizendo: «-Ah, cruel, que me enganaste no naufrágio da nau Santo Alberto, para me pôres neste apêrto; se nêle me afogara, não me vira nesta aflição (...) », e se atou D. Luísa de Melo com sua mãe, com um cordão de S.Francisco, com que ambas liadas e afogadas saíram à terra na Ilha do Faial, onde foram sepultadas.”* (Nau Chagas)

O aproveitamento interdisciplinar. O interesse destes relatos ultrapassa as questões linguísticas e literárias, transpondo as fronteiras das aulas de História ou de Geografia, por exemplo. Esta perspectiva interdisciplinar é, como sabemos, uma das atuais diretivas curriculares. E, nestes relatos, há inúmeras referências a aspetos como a impreparação dos navegantes, a incúria dos marinheiros, a incapacidade de chefiar as tripulações, a perda de liderança, os motins a bordo, etc. Tomem-se como exemplos:

Excerto 23: *“E como já não levavam figura de homens, nem quem os governasse, iam sem ordem, por desvairados caminhos (...) e já então cada um não curava mais que fazer aquilo em quem lhe parecia que podia salvar a vida, quer entre cafres, quer entre mouros, porque já não tinham conselho, nem quem os juntasse para isso.”* (Galeão Grande S.João)

Excerto 24: *“...não tinham conta com Fernão d’Álvares, antes tôdas as vezes que os êle repreendia de suas desordens (que não eram poucas) lhe diziam que não ousasse de os emendar, porque não era já seu capitão nem lhe deviam obediência, ajuntando a isto outras muitas palavras sôltas, que a miséria daquêle tempo fazia ser muito mais escandalosas, de modo que nenhuma conta tinham com o que lhes êle mandava.”* (Nau S.Bento)

Excerto 25: *“O Capitão-mor, que contra a forma do seu regimento as deixava já de tomar, pelo que se tinha assentado, temeu aquela voz pública e parecendo-lhe que de não tomar as Ilhas, sucedendo-lhe algum mau sucesso, podia ser repreendido de Sua Magestade, pacificou a turva motinada e fêz segunda junta, desejoso de acertar com o melhor conselho (que nunca no mar é certo se não desce do céu); (...) não pôde o Capitão-mor fazer outra cousa senão pôr a proa no Corvo (...). ”* (Nau Chagas)

- c) A intertextualidade com outras narrativas textuais, gráficas (BD), filmicas ou musicais. Os relatos possibilitam uma considerável ampliação dos horizontes de leitura dos alunos destas faixas etárias. Tenhamos sempre presente que eles são particularmente sensíveis a narrativas de aventuras que conhecem, por exemplo, do cinema, da BD, dos jogos digitais ou de séries televisivas. No

plano das aventuras marítimas, há imensos exemplos que atraem os alunos, pois constituem histórias muito vivas. Este diálogo interdiscursivo é muito interessante do ponto de vista didático, e é geralmente muito do agrado dos alunos. Se lhe juntarmos, ainda, a intemporalidade dos dramas marítimos – a que os alunos certamente adicionarão os hodiernos dramas dos migrantes do mediterrâneo – certamente teremos mais uma via de trabalho para explorar e, sobretudo, mais uma razão para revivificar e atualizar estes textos do século XVII.

- d) A exploração do conceito de *anti-herói*. A leitura destes fatídicos naufrágios possibilita um trabalho de reflexão e debate em torno de uma conceção muito cara a alunos destas idades: a de *herói*. Esta figura, umas vezes herói, outras anti-herói, pode chegar a ser desconcertante para o leitor, uma vez que revela as feições mais indulgentes, mas também as mais obscuras e sórdidas de um navegante que perde as forças ao lutar contra o mar e a natureza irada.

Na verdade, os relatos reproduzem a imagem de um homem que perde o autodomínio e a confiança nas suas forças. A coragem abandona-o, fazendo-o transitar de um estado de ousadia e de desafio para outro de submissão humilde e amargurada. Verga-se sob o peso da dor e do medo que lhe inspira o adversário, seja ele a natureza lúgubre e irada, ou a heresia dos corsários franceses ou holandeses. Cada vez mais se agudiza o seu sentimento de ser *um bicho da terra tão pequeno* (*Os Lusíadas*, Canto I, 105-106), envolto em árduos trabalhos e renhidas lutas que a sua condição humana não lhe permite superar. Do porte épico, heróico e sublime observável n' *Os Lusíadas*, e traduzido na afirmação obstinada e orgulhosa da coragem e da ousadia, não conserva senão frágeis resíduos.

Excerto 26: *“É por certo cousa muito miserável, e de contar, a diversidade das condições humanas, e muito mais para chorar suas cobijas e misérias, porque indo a nau caindo sôbre o ilhéu, em que apenas havia tocado, quando já a gente do mar andava escalando arcas e arrombando câmaras e fazendo fardos e trouxas, como se estiveram em terra habitada e de muitos amigos, comarcãos e vizinhos, de sua pátria e natureza, e tivessem mui seguros e certos caminhos e direitas estradas, por onde caminhassem, e embarcações boas em que navegassem. Desta maneira, andavam uns roubando e destruindo tudo, assim os que estavam na nau, como outros que estavam em terra, abrindo barris, arcas e caixões, que o mar já de si deitava.”*
(Nau S.Paulo)

Excerto 27: *“[Perdidos os sobreviventes em terras estranhas], deixavam muitos da tripulação ao capitão e a êsses que o seguiamos naquela praia erma, entregues aos cafres, em quem acharíamos menos piedade que em todos os tigres da Hircânia.”* (Nau S.Paulo)

Excerto 28: *“Mas são os homens do mar mui semelhantes às mulheres nos tempos de seus partos, em suas mui estranhas e grandíssimas dores, que juram, se daquela escapam, não terem mais cópula nem ajuntamento nunca com varão.”* (Nau S.Paulo)

Excerto 29: *“[despejados pelo mar em praias estranhas], e porque logo que lhes dizem como éramos portugueses e nos perdêramos (...) e disse-lhes (...) que tínhamos dinheiro (...) e que fôssem à terra, que lá lho daríamos (...) e eles não queriam ir, com medo de sermos ladrões (...) abraçando-os a*

todos com grande choro e pranto por vermos o que tanto desejávamos (...) e porque a magreza, junta com o pouco ornamento de (...) enfarrapados atavios, e imundícia de que o trabalho e a míngua nos faziam vir cobertos, era tanta, a ponto de causar tamanho nójo na gente da terra, que ali onde estávamos nos vinham perseguir com mil maneiras e escárnios.” (Nau S.Paulo)

- e) O debate sobre a extensa paleta de sentimentos humanos que vão desde a solidariedade à cupidez, passando pelo medo, pela solidão ou pela soberba. Há variados exemplos que podem servir para ilustrar esta variedade de valores, ou da ausência deles:

Excerto 30: “convinha não ir mais por diante, mas entregar-nos ao rei daquela comarca (...) que presumíamos ter algum conhecimento de portugueses, (...) pelo interêsse do resgate que por êles esperavam, o que confiávamos (pois mais não podíamos) ...” (Nau S.Bento)

Excerto 31: “o piloto (...) não prestou mais para cousa alguma e logo lhe morreu o coração.”; “e pela nau, se andava chamando que dessem à bomba, porque não havia quem o fizesse, pois uns se metiam nos camarotes, outros se escondiam e estavam rezando, e, se os chamavam, diziam que se estavam encomendando a Deus, e já que haviam de morrer tão cedo, como esperavam, que os deixassem.” (Nau S.Bento)

Excerto 32: “Estando João Rodrigues de Carvalho, capitão da infortunada **Garça**, aquela noite seguinte (...) na cama em casa de Pero Mendes Moreira (...) começou a gemer e dar muitos ais. Inquirido por dois

filhos de Pero Mendes Moreira, nestes termos: «Tio (porque assim lhe chamavam os meninos) - vós não dormis e gemeis porque perdestes a vossa nau?», não lhes respondeu, porque de tal maneira sentiu e o entraram as lembranças que os inocentes lhe fizeram, que foi a causa de sua morte; que amanheceu morto na cama, sem haver outra coisa a que a morte se lhe pudesse atribuir. O narrador conclui que, tanta fôrça e eficácia têm a paixão e tristeza, que foi bastante para se lhe cerrarem os espíritos vitais e morrer.” (Nau Águia)

Excerto 33: “E assim caminharam obra de dois meses e meio, e tanta era a fome e a sêde que tinham, que os mais dos dias, aconteciam cousas de grande admiração (...) Havia (...) dias que se não mantinham senão de frutos (...) e de ossos torrados; e aconteceu muitas vezes vender-se no arraial uma pele de uma cobra por quinze cruzados; e ainda que fôsse sêca a lançavam na água, e assim a comiam.” (Galeão Grande S.João)

Excerto 34: “cresceu tanto a necessidade (...) que nos constrangeu a comer os sapatos e embraçamentos das rodela, e a deglutir, ainda vivos, os caranguejos brancos que iam bolindo pelo papo abaixo”, “veio a necessidade a ser tanta, que nos forçava a comer umas favas (...) maior e mais arrebatada peçonha de quantas neste caminho comemos, porque, logo após a ingestão, davam no chão (...) com todos os acidentes mortais (...) e ficavam fazendo torceduras e geitos com a dor e afrontamentos.” (S. Bento)

Excerto 35: “Fazia isto tamanha mágua, ver ficar o parente e o amigo sem lhe poder valer, sabendo que dali a pouco espaço havia de ser comido

de feras alimárias, que pois faz tanta mágua a quem o ouve, quanta mais fará a quem o viu e passou.” (Galeão Grande S.João)

Excerto 36: “...uns pediam uma gota de água, outros pelas chagas de Cristo que lhes dessem alguma cousa para comer (...) que pedíamos a Nosso Senhor que houvesse por seu serviço levar-nos para si que ver-nos em tanta pena e tribulação (...) e o primeiro que falecia se achava por ditoso, pois tinha quem o sepultasse.” (Nau Conceição)

Excerto 37: “Ver nisto a gente que andava debaixo levantar um chôro de maneira, que uns abraçados com outros caíam para uma banda e para outra, começando a sentir seu mal, do que se lhes oferecia, causava assaz lástima.” (Nau Santa Maria da Barca)

Excerto 38: “Filhos e irmãos, bem sabeis que não temos com que haver de comer (...) e vos rogo, é que alguns de vós-outros, que têm camisas e ceroulas, as deem, para comermos todos igualmente (...) e todos deram as que tinham (...) ver-se em tanta míngua, que camisas velhas estava pedindo com as lágrimas que lhe corriam pelo rosto abaixo; e isto digo porque lhas vi cair muitas vezes nesta nossa desventura.” (Nau Santa Maria da Barca)

Excerto 39: “Estavam estes penedos cheios de gente, que da nau a êles se recolheu, com intento de acabar antes nêles que na água. (...) Aqui se viu o mais horrendo espectáculo de todos os do naufrágio, porque, assim os das jangadas como os que estavam nos penedos, esperando ter algum refúgio no batel, se saíram deles e vinham, nus, com água pelos peitos, estando tôda a noite em um perpétuo grito por razão da frieza da água e (...)

bradavam pelos do batel, que lhes valessem, nomeando a muitos por seus nomes (...).” (Nau Santiago)

Excerto 40: “Aqui se viu um terrível espectáculo, porque, vendo os portugueses a presteza com que os inimigos largavam a prêsa por não perderem com ela a vida, entraram em grande e desesperado temor, e, largando os gamotes e serviço que faziam, uns se despiam, outros vestidos arremetiam aos bordos do galeão (...) pondo os olhos no céu, o rasgavam com gritos, pedindo a Deus misericórdia, e acrescentando com lágrimas as águas do naufrágio em que se viam.” (Galeão Santiago)

- f) As narrativas trágico-marítimas descrevem-nos um conjunto significativo de acidentes, cujos embriões são os Elementos da Natureza: o Ar, a Terra, o Fogo e a Água. São essas as forças que constroem e encenam uma atmosfera trágica, polarizada na fúria dos ventos, nas vagas alterosas, no fogo destruidor, na hostilidade da terra alienígena, nas chuvas devastadoras, etc. Esta natureza imprevisível revolta-se contra o marinheiro, traindo-o nos seus saberes adquiridos, revolucionando toda a sua visão e entendimento das coisas. A surpresa é o fator decisivo para destituir este homem dos poderes que julgava inabaláveis. Daí que, reflexões doridas dos narradores refiram situações como esta: *“nos deu uma trovoada cega (...) de tamanho vento e tão rijo, qual nunca nesta paragem até agora se viu; porque, com haver passado o nosso mestre por aqui trinta e duas vezes, afirmava nunca tal lhe acontecera, e assim muitos homens do mar, cursados nesta carreira (...).”* (Nau S. Paulo)

Mesmo a confiança e a sabedoria do homem parecem

insuficientes e redundam em estrondosos e lamentáveis fracassos. O entendimento da natureza, das rotas, do mar na sua vastidão, escapa ao controlo e domínio do homem, que acaba por se perder, correndo “*por esta altura outros tantos dias com ventos frescos, sem poder haver vista dela [terra] ; o qual caminho foi tanto fora de tôda a ordem e navegação costumada*”. (Nau S. Paulo)

Estes episódios deixam atrás de si o rasto de um homem ludibriado pela experiência que julgou firmemente alcançada e fortalecida pelos longos anos de navegação. São alguns exemplos:

Excerto 41: “nos deu uma trovoadas cega (...) de tamanho vento e tão rijo, qual nunca nesta paragem até agora se viu; porque, com haver passado o nosso mestre por aqui trinta e duas vezes, afirmava nunca tal lhe acontecera, e assim muitos homens do mar, cursados nesta carreira (...).” (Nau S.Paulo)

Excerto 42: “por esta altura outros tantos dias com ventos frescos, sem poder haver vista dela [terra]; o qual caminho foi tanto fora de tôda a ordem e navegação costumada.” (Nau S.Paulo)

Excerto 43: “Desenganados os nossos, que ardia a nau, absoluta e irremissivelmente, começaram muitos de se lançar ao mar em jangadas e paus, e os que não sabiam nadar a entrar em desespero e temor da morte; outros (...) abraçando o lugar em que estavam com suspiros e gemidos arrancados da alma, perguntando uns aos outros por remédio, clamavam ao céu por misericórdia (...) não sabiam se se lançassem ao mar ou se se

deixassem abrasar do fogo.” (Nau Chagas)

Excerto 44: “...assim por algumas culpas ocultas poderia ter lançado outra maldição a esta nau, tão derrotada e tão acossada de todos os elementos - Terra, Mar, Ar e Fogo - para que não servisse nem aproveitasse mais a ninguém, nem se colhesse outro fruto dela mais que perda de todos os que nela o buscassem (...).” (Nau S.Francisco)

Excerto 45: “O gasalhado da noite era incompatível (...) e por ser ainda inverno nesta terra o frio era grande; valiam-se nesta ocasião do fogo tôda a noite, porque nesta terra havia muita lenha, e tão boa que a verde ardia melhor que a sêca em Portugal; mas como traziam o frio nas medulas e ossos, se de uma parte se aquetavam, da outra se sentiam enregelados; onde se experimentou quão errados vão os que dizem: “Na Zona torrida não há frio.” (Nau Santiago)

Breves conclusões

Como pudemos verificar, estes textos de naufrágios têm inúmeras potencialidades didáticas, das quais apenas abordamos as mais evidentes e mais simples para a faixa etária entre o 3º ciclo e o ensino secundário, conforme os objetivos do professor e o perfil da turma, se bem que este trabalho possa ser realizado, ainda no ciclo de ensino anterior, mediante um apurado trabalho de seleção e de orquestração didática dos excertos de leitura.

Do ponto de vista do ensino e da maturidade leitora, estas sugestões colherão mais se eventualmente tiverem como palco o 3º ciclo ou anos posteriores, mas a aparente dificuldade destes textos não constitui um real

impedimento a que possam ser lidos no ciclo anterior, como comprovam várias experiências que levamos a cabo neste contexto.

Estes excertos que aqui reproduzimos são, apenas, e como temos vindo a vincar, uma forma de abertura destes relatos à leitura em sala de aula (ou fora dela). Não são os únicos, nem talvez os melhores; constituem apenas algumas sugestões capazes de desencadear atividades de leitura literária.

Eles têm a vantagem acrescida de legarem ao leitor um retrato fiel do homem português que, cansado da vida pobre no reino, e em busca de riqueza e de melhor sorte, persegue o seu sonho através dos mares e da aventura pelo desconhecido. Os alunos começam a entender melhor as outras faces dos descobrimentos portugueses: a pimenta pagava-se, pois, a um preço muito elevado. As naus que saíam do Tejo nem sempre chegavam a bom porto. De entre as que conseguiram, grande parte não regressou a Lisboa. Vindas da Índia com carregamentos excessivos, não resistiam à fúria dos mares e afundavam-se com toda a carga que traziam. A somar às mortes na Índia, provocadas sobretudo pela inadaptação do português a um clima difícil e doentio, juntava-se ainda a perigosidade da viagem de regresso, marcada por inúmeros naufrágios. Este é um homem que, ambicionando ser um empreendedor de grandes feitos épicos, se vê seriamente fustigado pelos ventos trágicos. E assim o observamos nestes textos: desprotegido, lendo os avisos do céu, estendendo a mão a Deus em súplica, buscando consolação para as fatalidades do corpo e da alma, tentando angariar resistência e força necessárias para enfrentar este modo trágico e sofrido de navegar na vida. A natureza, na sua inconstância, nem sempre corresponde aos anseios de bonança expressos por este navegante; ela revolta-se contra o marinheiro, traindo-o.

Mesmo a confiança e a sabedoria do homem parecem insuficientes e redundam em estrondosos e lamentáveis fracassos. O entendimento da natureza, das rotas, do mar na sua vastidão, escapa ao controlo e domínio do homem, que acaba por se perder, correndo “*por esta altura outros tantos dias com ventos frescos, sem poder haver vista dela [terra] ; o qual caminho foi tanto fora de tôda a ordem e navegação costumada*”, como refere o narrador do naufrágio da Nau S. Paulo.

Os breves excertos que enumeramos constituem, pois, e somente, breves lampejos das enormes potencialidades que estes textos encerram, não como objetos de estudo, mas outrossim, como sugestões de leitura no âmbito das narrativas de viagens ultramarinas. Os alunos têm a oportunidade de contactar com os heróis, os anti-heróis, as glórias, mas sobretudo as derrotas. Tal como nos filmes, nas séries ou nas narrativas dos jogos digitais, este *(anti)herói* tem a singularidade de ser português, e é nesse cenário de procelas que o veem a digladiar-se com a natureza impiedosa, a maior parte das vezes de forma extremamente vulnerável, outras ocasiões de modo corajoso, outras ainda, de forma vil e cobarde. Mas sempre temeroso e lábil perante as forças esmagadoras da natureza.

Contrariamente aos heróis das narrativas fílmicas e/ou digitais aos quais está habituado, este guerreiro dos mares aparece-lhe exausto, naturalmente frágil, configurando um homem real e mais próximo de si do que dos super-heróis. Assim, estes excertos dos episódios devem ser tidos como *convites à leitura*, não dos relatos integrais, mas pelo contrário, como incentivo à (re)leitura de um texto em particular que o aluno considere mais apelativo.

O importante é que a experiência de leitura destes textos dialogue com este jovem leitor; que o deixe entrever o marinheiro português como um homem ludibriado pela experiência que julgou firmemente

sedimentada pelos longos anos de navegação. Os alunos começam a estudar este período da História de Portugal e associam sempre a esta fase áurea da expansão portuguesa, um homem ousado e autoconfiante, convicto da majestade das suas forças. É este que, seduzido pela vertente da experimentalidade e da aventura, se deixa envolver em todas as proezas e valentias.

Esta prova a que as viagens marítimas o submetem, vai permitir-lhe rasgar os horizontes de *novos mundos*, deixando-o simultaneamente sentir a pequenez própria do seu estatuto humano. Experimentando o mar, o marinheiro português convence-se da finitude da sua *magia humana*, afinal não tão poderosa que consiga domar as portentosas forças que tem de enfrentar. O epicentro dessas resistências converge na natureza, pois é ela que anuncia os primeiros sinais da tragédia: os ventos orquestram-se, levantando as águas; as chuvas diluviais invadem o porão e o convés, e as quilhas das embarcações, sujeitas a tantas e tão diferentes intempéries, rasgam-se na água ou sobre os baixios. A tragédia deflagra. E, se os que se salvam, julgam ter melhor sorte, cedo se desenganam de tais esperanças. A esses estão-lhes reservados ainda maiores sacrifícios e mais longas tormentas. Verdadeiramente, o naufrágio acabará por ser, apenas, o limiar de novas proações.

Se a leitura de excertos destes relatos conseguir passar para os alunos, não apenas o gosto pela leitura de narrativas fantásticas quanto autênticas, e permitir consubstanciar alguns conhecimentos que têm sobre a história de Portugal e o enquadramento do fenómeno expansionista português de Quinhentos, para além de lhe darem um fresco da época e contribuírem para a sua formação cultural e literária, então terá valido o esforço de fazer regressar estes textos ao palco didático das aulas de Português. Por último, se este objetivo se concretizar, poderemos ainda

concluir que é possível, apesar das dificuldades, quebrar o moderno e dominante feitiço do *canto da sereia* cujo chamamento é tão apelativo para alunos destas idades e que o afastam da leitura em geral, e do texto literário em particular.

REFERÊNCIAS

Aguiar e Silva, V.M. (1971). *Maneirismo e Barroco na poesia lírica portuguesa*. Coimbra: Centro de Estudos Românicos.

André, João Maria (1987). "O Homem do Renascimento: Do Poder da Magia à Magia do Poder". in *Renascimento e Modernidade*. Coimbra: Minerva.

Barchiesi, Roberto (1979). "Le relazioni di naufragi" in *Quaderni Portoghesi*. nº5, Pisa: Giardini Editori.

Barchiesi, Maria Helena de Portugal Pereira (1979). "Il naufragio della «Nau Conceição» (1555)" in *Quaderni Portoghesi*, nº5. Pisa: Giardini Editori.

Barreto, Luís Filipe (1983). *Descobrimentos e Renascimento. Formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*. 2ª Ed., Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Bernardes, J. C.; Mateus, R. A. (2013). *Literatura e Ensino do Português*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.

Blanchot, Maurice (1959). *Le livre à venir*. Paris: Gallimard.

Bolgar, R.R. (1975). "Hero or Anti-Hero? The Genesis and Development of the Miles Christianus" in *Concepts of the Hero in the Middle Ages and the Renaissance*. New York: State University of New York Press.

Boxer, Charles. R. (1957). "An Introduction to the «História Trágico-Marítima»" in *Revista da Faculdade de Letras*. Lisboa, III Série, nº 1.

Boxer, Charles. R. (1979). "An Introduction to the «História Trágico-Marítima» (1957): some corrections and clarifications" in *Quaderni Portoghesi*. nº5. Pisa: Giardini Editori.

Brito, Bernardo Gomes de (1735-36). *História Tragico-Maritima. Em que se escrevem chronologicamente os Naufragios que tiverão as Naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a Navegação da India*, Lisboa, 2 vols.

Brito, Bernardo Gomes de (1904-1909). *História Trágico-Marítima*. Compilada por ---, com outras notícias de naufrágios. Lisboa: Bibliotheca de clássicos portugueses. Proprietário e Fundador: Mello de Azevedo, 12 vols.

Brito, Bernardo Gomes de (1936-37). *História Trágico-Marítima*. Compilada por ---. Nova edição publicada sob a direcção de Damião Peres, Lisboa, 5 vols. (**Tomo I:** I - *Relação da mui notável perda do Galeão Grande S. João. Em que se contam os grandes trabalhos e lastimosas cousas que aconteceram ao capitão Manoel de Sousa Sepúlveda e o lamentável fim que êle e sua mulher e filhos, e tôda a mais gente, houveram na Terra do Natal, onde se perderam a 24 de Junho de 1552.* II - *Relação sumária da viagem que fêz Fernão D' Álvares Cabral. Desde que partiu dêste reino por capitão mór da armada que foi no ano de 1553 às partes da Índia até que se perdeu no Cabo da Boa Esperança no ano de 1554. Escrita por Manoel de Mesquita Perestrelo, que se achou no dito naufrágio.* **Tomo II:** III - *Relação do naufrágio da nau Conceição de que era capitão Francisco Nobre. A qual se perdeu nos baixos de Pero dos Banhos aos 22 dias do mês de Agosto de 1555. Escrita por Manoel Rangel. O qual se achou no dito naufrágio e foi depois ter a Cochim em Janeiro de 1557.* IV - *Relação da viagem de successo que tiveram as naus Águia e Garça. Vindo da Índia pra êste reino no ano de 1559.* V - *Com uma descrição da cidade de Columbo pelo Padre Manoel Barradas da Companhia de Jesus. Enviada a outro padre da mesma Companhia morador em Lisbôa.* VI - *Relação do naufrágio da nau Santa Maria da Barca de que era capitão D. Luiz Fernandes de Vasconcelos. A qual se perdeu vindo da Índia para Portugal no ano de 1559.* **Tomo III:** VII - *Naufrágio da nau S. Paulo na Ilha de Samatra no ano de 1561.* VIII - *Naufrágio que passou Jorge de Albuquerque Coelho vindo do Brasil para êste reino no ano de 1565. Escrito por Bento Teixeira Pinto que se achou no dito naufrágio.* **Tomo IV:** IX - *Relação do naufrágio da nau Santiago no ano de 1585 e itinerário da gente que dele se salvou. Escrita por Manoel Godinho Cardoso e agora novamente acrescentada com mais algumas notícias.* X - *Relação do naufrágio da nau S. Tomé na terra dos Fumos, no ano de 1589, e dos grandes trabalhos que passou D. Paulo de Lima nas terras da Cafraria, até sua morte. Escrita por Diogo do Couto, guarda mór da Torre do Tombo a rogo da Senhora D. Ana de Lima irmã do dito D. Paulo de Lima no ano de 1611.* **Tomo V:** XI - *Naufrágio da nau Santo Alberto no Penêdo das Fontes no ano de 1593.* XII - *Viagem da nau S. Francisco no ano de 1596.* XIII - *Tratado das batalhas e sucessos do galeão Santiago com os holandeses na Ilha de Santa Helena e da nau Chagas com os inglêses entre as Ilhas dos Açores. Ambas Capitânias da carreira da Índia; e da causa e desastres por que em vinte anos se perderam trinta e oito naus dela. Escrita por Melchior Estácio do Amaral.*

Brito, Bernardo Gomes de (1942-43). *História Trágico-Marítima*. Compilada por---. Nova edição publicada sob a direcção de Damião Peres, 6 vols., Porto.

Brito, Bernardo Gomes de (1971-72). *História Trágico-Marítima*. Fixação de texto, glossário e notas de Neves Águas, comentários de Fernando Luso Soares, José Saramago, Maria Lúcia Lepecki, 2 vols., Lisboa.

Brito, Bernardo Gomes de (1942): *História Trágico-Marítima. Narrativas de naufrágios da época das conquistas*. Adaptação de António Sérgio, Lisboa.

Buescu, H., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. (2015). *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério de Educação.

Cidade, Hernâni (1963). *A Literatura portuguesa e a Expansão Ultramarina*. Coimbra: Arménio Amado.

Colomer, Teresa (1996). "La didáctica de la literatura: temas y líneas de investigación e innovación", in Lomas, Carlos *et al.* (org.) *La educación lingüística y literaria en la enseñanza secundaria*. Barcelona: Institut de Ciències de l'Educació-Universitat de Barcelona.

Custódio, Pedro Balaus (2012). "Experiências significativas no 2º CEB - Representatividade e qualidade dos textos literários". *Português - Investigação e Ensino*. Exedra Nº Temático. Coimbra: Escola Superior de Educação.

Custódio, Pedro Balaus (2004). *A Leitura e o Cânone Escolar nos Programas de Português – Uma década de mudanças*. Dissertação de doutoramento em Didática da Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra: Coimbra.

Custódio, Pedro Balaus (1992). *A História-Trágico-Marítima: do herói ao anti-herói*. [texto policopiado]. Dissertação de mestrado em Literatura Portuguesa apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra: Coimbra.

Dias, J.S. da Silva (1982). *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*. Lisboa: Editorial Presença.

Lanciani, Giulia (1979). *Os relatos de naufrágios na literatura portuguesa dos sécs. XVI e XVI*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa - Biblioteca Breve.

Lapa, Rodrigues (1972). *Quadros da História Trágico-Marítima*. 5ª Ed., Lisboa.

M.E.C. (1976-1977). *Português – Programa para o ano lectivo – Ensino Liceal* (1º, 2º, 3º

Anos do Curso Geral; 1º e 2º anos do Curso Complementar), Lisboa.

ME/DES. (1996). *Português A / Português B – 10º, 11º e 12º anos. Orientações de Gestão de de Gesrão de Programas*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

ME/DES. (2000). *Revisão Curricular no Ensino Secundário. Cursos Gerais e Cursos Tecnológicos*. Lisboa: ME/DES.

Ministério da Educação (2009). *Programa de Português para o Ensino Básico*. Lisboa: ME.

Ministério da Educação (2012). *Metas Curriculares de Português par o Ensino Básico*. Lisboa: ME.

Ministério da Educação (2014). *Programa de Português e Metas Curriculares – Ensino Secundário*, Lisboa.

Moniz, António Manuel de Andrade (2001). *A História Trágico-Marítima: identidade e condição humana*. Lisboa: Colibri.

Passos, Carlos de (1917). *Navegação Portuguesa dos Séculos XVI e XVII - Naufrágios Inéditos. Novos subsídios para a História Trágico-Marítima de Portugal*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

Programas do Ensino Liceal (1966). República Portuguesa. (Aprovados pelo Decreto nº 39 807, publicado no Diário do Governo nº 198, 1ª Série, de 7 de Setembro de 1954), Lisboa.

Rank, Otto (1981). *El mito del nacimiento del héroe*. Barcelona: Paidós.

Rosenblatt, Louise M. (2004). "The transactional theory of reading and writing." In R. B. Ruddell & N. J. Unrau (Eds.), *Theoretical models and processes of reading* (pp. 1363-1398). Newark, DE: International Reading Association.

Rosenblatt, Louise M. (1994). *The Reader, the Text, the Poem: Transactional Theory of the Literary Work*. Southern Illinois University Press.

Seixo, Mariz Alzira; Carvalho, Alberto (1996). *A História Trágico-Marítima: Análises e Perspectivas*. Lisboa: Edições Cosmos.

Sellier, Philippe (1985). *Le mythe du Héros*. Paris: Bordas.

Sérgio, António (1958-59). *Naufrágios e combates no mar*. Textos seleccionados, anotados, comentados e acompanhados de um estudo por --, 2 vols., Lisboa.

Sérgio, António (1991). *Breve Interpretação da História de Portugal*. 10ª Ed., Lisboa.

Sérgio, António (1974). "Em torno da História Trágico-Marítima" in *Ensaíos* (8). Lisboa: Sá da Costa.

Serrão, Joaquim Veríssimo (1989). *Cronistas do Século XV posteriores a Fernão Lopes*. 2ª Ed., Lisboa: Biblioteca Breve.

Silva, Libório Manuel (2010). *A Nau Catrineta e a História Trágico-Marítima: lições de liderança*. Vila Nova de Famalicão: Centro Atlântico.

Tabucchi, Antonio (1979). "Interpretazioni della «História Trágico-Marítima» nelle licenze per il suo «imprimatur»" in *Quaderni Portoghesi*. nº5. Pisa: Giardini Editori.

Turner, Frederick (1990). *Mito, História e as Terras Selvagens*. Lisboa: Editora Campos.

Urbano, Maria Luísa Malaquias (2012). *História Trágico-Marítima: uma visão maneirista do homem: queda, expiação e morte*. Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos.